

## Criando Pensamentos sobre o Viver com Edgar Morin

### *Creating Thoughts on Living with Edgar Morin*

**José Carlos de Oliveira**

Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia  
(HCTE), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

*jcarlos@dee.ufrj.br*

[orcid.org/0000-0002-0415-4926](https://orcid.org/0000-0002-0415-4926)

**Matheus Henrique da Mota Ferreira**

Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia  
(HCTE/UFRJ), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

*matheushmf01@gmail.com*

[orcid.org/0000-0002-2580-3518](https://orcid.org/0000-0002-2580-3518)

**Resumo.** Edgar Morin é o autor que propôs o Pensamento Complexo e escreveu uma série de obras sobre a interdisciplinaridade entre vários outros temas. Neste texto convocamos sua presença com exclusividade, para divulgá-lo e construir reflexões e sugerir pontos para debates em torno de parte de suas ideias. Vamos destacar no seu pensamento a “busca da vida”, um viver de forma cheia, plena, que caminha da abstração simples à concretude e de volta à abstração (complexificada) no caminho para o concreto onde se manifesta a vida.

**Palavras-Chave:** Pensamento complexo. Viver. Autoecorreorganização.

**Abstract.** *Edgar Morin is the author who proposed Complex Thought and wrote a series of works about interdisciplinarity among many other themes. In this text we summon his exclusive presence in order to spread his ideas, build on his reflections and suggest points for further discussion. We focus our attention on the “search for life” in his thought, a full and whole form of living, which walks from simple abstraction to concreteness and back to (complexified) abstraction in the way to the concrete where life manifests itself.*

**Keywords:** *Complex thought. Living. Autoecoreorganization.*

Recebido: 01/10/2017 Aceito: 27/10/10 Publicado: 05/11/2017

## 1. Introdução

Sua obra máxima, “O método”, apresenta reflexões sobre a natureza, a vida, o conhecimento, as ideias, a humanidade, e a ética. Todos enredados, emaranhados, religados em uma tessitura complexa onde o todo se manifesta, maior que a soma das partes, sem que as partes deixem de ter suas singularidades, serem mais e menos que o todo em si. Morin trabalha com conceitos e macroconceitos, indicando que a complexidade da realidade às vezes não pode ser explicitada apenas através de um único conceito-mestre, requerendo, portanto, em muitas ocasiões, uma reunião simultânea, antagônica e complementar de vários conceitos, como o conceito trinitário ciência-política-ideologia, com três elementos constituintes que, além de serem indissociáveis, não apresentam dominâncias entre si.

## 2. Princípios da Complexidade

O Pensamento Complexo é construído a partir de três principais princípios, que permeiam todos os conceitos, os dizeres e os saberes, assim enumerados:

1. O Princípio Dialógico: é o princípio do diálogo, relacionado a e alimentado a partir da dialética de Hegel e Marx; a dialógica associa de forma simultaneamente complementar/concorrente/antagônica conceitos, ideias, instâncias, fenômenos que são conjuntamente necessários para a existência, funcionamento e desenvolvimento de uma organização. Para exemplificá-lo poderia comentar das relações entre Vida/Morte; Indivíduo/Sociedade/Espécie; Egoísmo/Altruísmo; Mercado/Estado em nosso sistema econômico; ou mesmo Ordem/Desordem na organização cósmica.

2. O Princípio Recursivo: este se relaciona à causação circular. Enquanto uma primeira cibernética evidenciou a retroação, ou seja, o resultado de um sistema interferindo sobre seus causadores, de modo a regular o sistema; em um segundo momento esta trará à tona a recursão - fenômeno pelo qual os efeitos ou produtos são, ao mesmo tempo, causadores e produtores no próprio processo que os produziu. O exemplo quase arquetípico deste fenômeno foi trazido por Maturana e Varela a partir da ideia de Autopoiese observada nos organismos vivos. Os produtos de uma organização celular viva são eles mesmos incorporados e necessitados pela estrutura que os produziu, tornando-se produtores de si mesmos em um círculo “virtuoso”.

3. O Princípio Hologramático: se refere à relação entre todo e partes a partir da imagem do holograma. No holograma, cada ponto do objeto repete o todo, incorpora informações referentes à sua circunvizinhança, levando a (re)organizações bidirecionais entre o todo e as partes. Esse princípio refere-se, portanto, ao fato de que sistemas organizados na realidade cosmo-bio-antropossocial apresentam-se de tal modo que o todo está na parte que está no todo. Alguns exemplos poderiam ser: uma galáxia exerce força gravitacional sobre outras, compondo um cluster de galáxias, as quais, por suas resultantes gravitacionais determinam a posição e os movimentos umas das outras e de cada uma; do mesmo modo, uma célula compõe um organismo multicelular que retroage como totalidade sobre cada célula, assim como cada uma contém toda a

informação genética necessária para produzir a totalidade orgânica; e nas sociedades cada indivíduo carrega em si, por sua criação, educação, enculturação, uma totalidade social que ele reproduz enquanto parte de uma grande organização sociocultural complexa emergente da atividade de centenas, milhares ou milhões de indivíduos.

### 3. O Viver

O Viver seria então o conjunto de qualidades fundamentais próprias da existência dos seres auto(genos-feno-ego) ecorreorganizadores. Este macroconceito plural, se compõe por dialógica conceitual e se manifesta em anel recursivo, no qual cada parte é geradora e regeneradora das demais. Além disso, cada parte deste fenômeno organizador vital só é capaz de se manifestar em conjunto com suas demais partes, de forma complementar, concorrente e antagônica, ou seja, estabelecendo entre si dialogias complexas.

Começamos então pela ideia de auto-organização. Já colocada por inúmeros teóricos da cibernética, dos quais talvez pudéssemos destacar Maturana e Varela (1995; 2001) novamente com sua teoria da Autopoiese. A auto-organização é uma manifestação típica dos organismos vivos. Não se pode imaginar um ser vivo sem processos em que ele se organiza. Um ser vivo é uma criatura autônoma sem necessidade de ser criado, que não só pode se manter, conforme produz ou adquire seu alimento do meio ambiente, mas também pode se reproduzir, dando continuidade a esse sistema auto-organizador.

As primeiras organizações espontâneas não são vivas, se manifestam na natureza inorgânica em pontos fulcrais, explicado pelo seu macroconceito denominado “Tetrálogo Fundamental da *Physis*” composto de conceitos, em indissociáveis relações de ordem/caos/interações/organização. Esses termos, na natureza, referem-se e remetem sempre uns aos outros, de modo que do caos quântico cósmico, das mínimas flutuações primordiais durante a grande inflação, surgiu toda a complexa estrutura heterogênea do universo como hoje o conhecemos. Da caótica desordem de nebulosas cheias de gás, padrões de contração e agregação gravitacional originam expansões térmicas pontuais que, quando mantidas em cheque, em equilíbrio, complexificam a organização do universo com o surgimento de estrelas, as quais, a partir de então, originam nova ordem na produção de sistemas planetários que se organizarão em seu entorno por interações gravitacionais. Assim dialogam ordem/desordem/organização/interações conforme novas estruturas se organizam no universo, novas complexidades emergem e novos regimes de ordem se instauram, se alimentando de fluxos de matéria, energia e (nas organizações neguentrópicas computantes) informação, e acelerando a degradação total da ordem conforme amplificam a marcha irrefreável da flecha do tempo com o aumento de entropia e desordem no universo. As estruturas físicas cada vez mais complexas como estrelas ou mesmo fenômenos geológicos e meteorológicos (tectonismo e movimento de placas; ciclos da água, ventos alísios, tornados, furacões e turbilhões de correntes aquáticas) começam a ser capazes de se manterem. Elas formam organizações que se fecham sobre si mesmas, se retroalimentando. Elas adquirem um ser, que se

manifesta mais plenamente quanto mais complexa é a organização, quanto mais ela se fecha sobre si mesma e se torna capaz de auto-manutenção. Aí surge a diferença: enquanto esses processos são capazes de se manterem, manifestando seu ser pouco desenvolvido e um tanto de si, eles ainda não possuem *Autos*, como os seres vivos. Os organismos vivos complexificam o tetragrama da *physis*, transformando-o em ordem/desordem/interações/auto-organização. Essa auto-organização adquire autonomia.

É um indivíduo que se afirma, que se auto produz, se organiza e se move de acordo com finalidades próprias (alimentar-se, manter-se vivo, evitar a morte). O *Autos* é auto-organizador, autoprodutor, autorreorganização, autorreprodutor, autorreferente, conforme circula, se anela, se fechando de forma recursiva a cada vez que retoma a si mesmo nos processos de manutenção vital.

Contudo, esse fechamento que autonomiza e produz o *Autos* é, simultaneamente abertura para o ambiente. Todo ganho de autonomia é adquirido com aumento da dependência em relação ao meio, assim os seres vivos se autonomizam de ciclos químicos espontâneos fechando-se e, simultaneamente, tornando-se dependentes da procura de alimento, da movimentação em direção a fontes de recursos. Os animais são mais móveis, mais autônomos no seu ambiente, porém tem mais necessidades metabólicas que os vegetais, estão sempre correndo em busca da próxima refeição. Os humanos, sendo mais autônomos, são mesmo mais livres em sua capacidade de imaginar e construir seus ambientes próprios em que a natureza é profundamente modificada; todavia isso se faz com uma dependência cada vez maior, tanto psicossocial com a necessidade dos infantes humanos de carinho e acompanhamento materno, familiar e comunitário para desenvolverem suas grandes potencialidades cognitivas, quanto material nas necessidades cada vez maiores das sociedades humanas de arrebanharem grandes quantidades de alimento e energia para saciarem seus sistemas socio-técnico-urbanísticos. Toda autonomia é dependente do seu meio, ou seja, quanto mais autônomo um sistema organizado, mais dependente ele se torna de seu meio. Quanto mais *Autos*, mais auto-eco-organização.

Para complexificar ainda mais essa organização recursivamente anelada, podemos dividir a autonomia de organização dos sistemas vivos em dois níveis: o fenomênico, existencial, individual, concretamente manifesto; e o generativo, genérico e genético. O *Autos* refere-se, portanto, tanto à identidade transindividual, aquela inscrita nos genes, comum a uma espécie, capaz de manter os organismos através de sucessivas gerações, regenerando-os; quanto a uma identidade fenomênica individual, que atualiza essa potencialidade genética em cada organismo, em cada indivíduo que constitui uma mesma espécie. Esse nível genético, o *Genos*, é a manifestação reprodutiva da vida, contida no senso comum de que a vida se constituiria pelo ciclo de nascimentos, reproduções e mortes. Já o nível fenomênico, o *Fenon*, é a manifestação organizacional da vida, contida na ideia de que para se estar vivo, é necessário ser um organismo, um ser organizado que se mantém no tempo e no espaço. Ambos devem ser combinados de

forma dialógica e recursiva, conforme as espécies não poderiam existir sem os indivíduos que as concretizam, nem os indivíduos sem os grandes, quase abstratos, ciclos reprodutivos transgeracionais. Depois de um grande domínio do gene e da genética, a biologia volta-se novamente para a valorização dos organismos; genótipo e fenótipo se entrecrocaram e emaranharam-se, demonstrando a fluidez das fronteiras entre os dois conceitos e entre suas manifestações reais. A auto-eco-organização complexifica-se em auto(geno-feno)eco-organização

Chegamos ao terceiro termo do *Autos*: o ego. O ego refere-se ao caráter subjetivo, individual, existencial das organizações vivas. Como dito anteriormente, estrelas e turbilhões possuem ser, isto é, possuem um certo caráter existencial, o qual é desenvolvido muitas vezes nas auto-organizações vivas. Nelas, ser e si tornam-se *Autos* e Individualidade. Existe um caráter de indivíduo-sujeito próprio a toda organização viva. Podemos afirmar que de toda organização emerge uma dimensão existencial, ou seja, juntamente com a complexidade lógico-organizacional, manifesta-se, nesse fechamento estrutural/abertura ambiental em anel recursivo, uma dimensão ontológico-existencial. Assim adquirem as estrelas ser e os organismos vivos subjetividade. A individualidade dos organismos se constitui por uma referência una/tripla, eles possuem três identidades interdependentes que definem sua individualidade: uma identidade genética (genericidade transindividual); uma identidade particular (singularidade individual); uma identidade subjetiva (egocentrismo subjetivo). O indivíduo é ponto de encontro de complexos processos auto(geno-feno)eco-organizacionais. O Viver é um modo de existência próprio a um Ser-Existente-Indivíduo-Sujeito; ou seja, o Viver é a manifestação emergente existencial de uma auto(geno-feno-ego)eco-organização.

Morin invoca aqui a ideia de “animus” para chegar a essa dimensão egoica. O animus não é independente da physis, nem vem de sobre esta para torná-la uma realidade espiritual ou psíquica. Ele é manifestação dinâmica a partir da natureza e das complexas organizações vivas, desenvolvendo ainda mais sua complexidade e sua vitalidade. O animus diz respeito à toda organização computante, o que inclui os mais simples organismos unicelulares que extraem informação do seu ambiente para solucionar seus problemas relacionados à manutenção da vida; e capazes de gravar informação em seu código genético que será invocada por seus sistemas celulares em sua autoprodução e em sua autorreprodução. O animus tem um triplo caráter: físico (dinamismo, motricidade, produção), biológico (auto-organização, computação) e protopsíquico (cognitivo, reflexivo). De forma similar, podemos perceber nas ideias e conjecturas piagetianas o paralelismo entre a organização biológica/neurológica/epistemológica, ou seja, as semelhanças e continuidades entre a organização da vida, do cérebro e do conhecimento. Enquanto seria ridículo atribuir um espírito a uma bactéria, é possível perceber que esse caráter subjetivo proto-psíquico imanente à bactéria irá, ao longo da evolução biológica, desenvolver-se em formas mais complexas: uma subjetividade organismica em seres multicelulares que demandam grandes organizações intersistêmicas; uma subjetividade animal nos organismos cerebrados que desenvolvem

o psiquismo em um cérebro/espírito que integra sensação/computação/representação/organização/ação; e uma subjetividade humana que produz o nível qualitativamente novo da consciência reflexiva, linguística e simbólica. Compreendendo, a partir de então, o espírito em continuidade com a organização biológica mais simples, podemos, simultaneamente, percebê-lo como parte integrante de um complexo auto(geno-feno-ego)eco-organizador.

Para finalizar esse percurso analítico-sintético do Viver, ele mesmo dialógico, recursivo (em seu movimento anelado onde cada parte parece produto e produtora, causa e consequência das demais) e hologramático (pois que cada parte necessita de todas as outras para se definir, assim como contém em si a definição de todas estas), necessitamos falar do *Re*. O *Re* é o mesmo que está contido nas ideias de recursão, regeneração, reprodução, reorganização. Ele remete a si mesmo. Ele se inicia com a repetição de um processo, organizando-se e desenvolvendo-se em reproduções, recorrências, lembranças que trazem de volta o passado, a história orgânica/organizacional do vivente e a reatualizam no momento presente para prepará-lo e lançá-lo ao futuro. A organização viva torna-se reorganização viva por sua capacidade de, autorreferindo-se, ou mesmo, remetendo a seu ser passado, manter-se, (re)generar-se, (re)constituir-se, (re)produzir-se. O *Re* é face complementar do *Autos*. É na recursão em anel, onde os produtos são constitutivos dos estados iniciais em que eles mesmos são produzidos, do *Re* que o *Autos* se manifesta. Sem reorganização, o *Autos* vivo morre. E é também a repetição que dá a uma organização a capacidade de se fechar, de se referir a si, de organizar-se. Assim *Re* torna-se *Se*, que, nos indivíduos-sujeitos com subjetividade, torna-se a referência do sujeito a si mesmo, do Eu a Mim. Daí temos *Re/Se/Me* em anel, todos aspectos complementares ao *Autos* vivo.

Na recursão dialógica hologramática de todos esses termos, de todos esses macroconceitos, desses paradigmas lógica e ontologicamente distintos, formamos um último anel conceitual que nos traz de volta à problemática complexa não resolvida do Viver. O anel conceitual é o da ordem/desordem/interações/auto(geno-feno-ego)ecorreorganização, processo típico e característico dos seres viventes, daqueles que vivem, do próprio Viver.

#### **4. Teoria viva da vida**

O paradigma auto(geno-feno-ego)ecorreorganizador desenvolvido pelo/no/com o pensamento complexo não se pretende uma solução final para a questão da Vida. Esta complexidade e este paradigma não contêm toda a vida. São, sim, meios para concebê-la, para unir sua complexidade conceitual, causal e ontológica em Anel, em uma estrutura recorrente que se regenera e se reproduz, produzindo novidades qualitativamente diferenciadas, propriedades originais na globalidade, ou seja, emergências. A Teoria da Vida deve ser ela mesma viva se queremos que seja capaz de



iluminar o pensamento sobre o vivo e o pensamento vivo. Ela não deve se reduzir ao micro, com conceitos e entidades como as moléculas, a informação ou os genes; nem ser simplificada pela totalidade, tendo sua complexidade explicada por um princípio vital, ou uma força especial ou um tipo de “matéria viva”.

A Teoria da Vida precisa ligar o micro ao macro passando pelo meso. Ela precisa incorporar as contribuições do mecanicismo/vitalismo/organicismo e mesmo do pan-genetismo/epi-genetismo/psico-genetismo, reordenando-os e reorganizando essas formas de pensar e conceber a vida segundo um fecundo e interfecundante princípio de complexidade. A Teoria da Vida precisa ser capaz de manifestar a Bio-Lógica, lógica da vida, emergente das organizações moleculares locais, que retroage sobre elas, organizando-as. O princípio vital dos vitalistas existe como emergência da organização viva, não como entidade prévia a esta. Não só pensamento complexo do vivo deve ser a Teoria da Vida, mas também pensamento complexo vivo, em anel generativo, que a regenere e a torne capaz de produzir emergências, realidades novas a partir do sistema anelado e organizado.

## 5. Do Viver ao nosso Viver

Para que se vive? Qual é a finalidade deste processo? Morin sugere uma aparente tautologia como a resposta talvez mais rica para essa pergunta tão fundamental sobre a vida. Vive-se para viver. Vivemos por viver. Não há grandes causas, nem mesmo ausência de motivo. O objetivo da vida é perpetuar-se, manter-se. Assim, vive-se para viver, o que simultaneamente significa que se vive para sobreviver e mesmo que se sobrevive para continuar vivendo. Também é real que se vive para dar a viver, para auxiliar os outros inseridos na identidade orgânica a manter suas vitalidades, ou seja, para dar continuidade ao grupo, à família, à espécie. Vive-se para sobreviver e sobrevive-se garantindo que os semelhantes sobrevivam e, assim, vivam. Viver é mesmo um trabalho, ser vivo é como ser trabalhador. É uma profissão que não se pode deixar de cumprir para a manutenção da própria vida. É função que se exerce no mundo real. Contudo, viver é também um jogo. Viver é jogar, pois agimos como jogadores que enfrentam jogo com regras e soluções de problemas. Estamos sempre tentando ganhar a vida. Ganhar a vida significa ganhar vida, não deixando-a esvaír, não se deixando morrer, ou perdendo o jogo por deixar seus descendentes morrerem. A Vida é jogo de tudo ou nada e é também jogo de tudo e nada, já que tudo que temos é esse jogo, está em jogo e, ao mesmo tempo, jogamos por nada, sem motivo maior que a própria necessidade de continuar a jogar por jogar. A Vida é mesmo profissão, jogo e mistério, porque sabendo mais e mais sobre ela, ainda parece incompreensível em sua inteireza.

Nós, humanos, desenvolvemos em graus superiores inúmeras das qualidades próprias do vivo, sem jamais deixar de sermos viventes como tantos outros. Somos hiperegocêntricos, hiperindividuos, hipersentimentais e hiperemocionais. Atingimos

plenitudes existenciais nos transes místicos, psicotrópicos, orgásmicos. Somos supervivos e hipervivos. Consumimos para viver e consumimo-nos no viver.

Se nas células individuais confundem-se ser/agir/conhecer/sentir, em nós todas estas atividades-funções autonomizam-se, sem abandonar seus aspectos interdependentes. A célula conhece, porque computa. Computa por ser célula. Mantém-se, porque computa, adquirindo conhecimento que permite a ação e sente, porque é célula computante capaz de perceber as alterações sobre seus estados, capaz de conhecer-se e agir para alcançar os estados desejados, os estados *standard*, os estados programados em seu código padrão. Nós podemos conhecer por conhecer, sentir por sentir, agir por agir e ser aquilo que somos em toda nossa riqueza. Somos o que fazemos e procuramos conhecer o que somos assim como nos sensibilizamos com nossas ações e com as ações dos outros.

A partir do pensamento sobre a vida e de uma teoria da vida, nos tornamos, por fim, capazes de pensar nossas vidas e de teorizar sobre elas. Partimos de uma ideia sobre o Viver, que acabou incorporando o humanismo que parte da experiência subjetiva e existencial da vida humana e o cientismo que parte das observações objetivas sobre a vida natural orgânica. Entre antropomorfismos, biomorfismos, cosmomorfismos e fisiomorfismos, tentamos entender o Viver formando um anel do viver para viver. Estamos todos em um circuito recursivo que produz as emergências da realidade, do nosso próprio pensamento e de nossa vida como um todo: viver/jogar/gozar/agir/explorar/procurar/conhecer/amar. Todos interpenetram-se e nos penetram no contínuo ato de Viver.

## Referências

MATURANA, H R; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**. Campinas, SP: Editorial Psy II, 1995.

MATURANA, H R; VARELA, F. **De máquinas y seres vivos: autopoiesis : la organización de lo vivo**. 6ed. Buenos Aires: Lumen, 2001.

MORIN, Edgar. **O Método 1**. A Natureza da Natureza. Edição: 3. Porto Alegre: Sulina; 2013.

MORIN, Edgar. **O Método 3**. O Conhecimento Do Conhecimento. Edição 5. Porto Alegre: Sulina; 2015.

MORIN, Edgar. **O Método 2**. A Vida da Vida. Edição: 5. Porto Alegre: Sulina; 2015.